



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

Mariana do Prado

Estou me guardando para quando o carnaval chegar: uma análise da paisagem sonora documental

Pelotas/RS

2022

Mariana do Prado

Estou me guardando para quando o carnaval chegar: uma análise da paisagem sonora documental

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Rios Leme

Pelotas

2022

Mariana do Prado

Estou me guardando para quando o carnaval chegar: uma análise da paisagem sonora documental

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em (data da banca por extenso).

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gerson Rios Leme (Orientador)

Prof. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa (Examinador)

Prof^ª. Dr^ª. Rebeca da Cunha Recuero (Examinadora)

RESUMO

O presente trabalho realiza uma análise fílmica do documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019, Marcelo Gomes), com objetivo de compreender a construção da paisagem sonora e sua importância para a narrativa do filme, a partir da relação com o presente e as memórias relatadas pelo diretor. Para isso, utiliza a definição de Schafer (1997) a fim de criar um paralelo entre as paisagens *lo-fi* e *hi-fi* presentes.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Som; Paisagem sonora; *Lo-fi*; *Hi-fi*.

ABSTRACT

This article analyzes the soundscape within the documentary *Waiting for Carnival* (2019), by Marcelo Gomes. It intends to understand its relevance to the film's narrative and its relation with the director's memories, stated by himself during the movie through a voice-over. For that, the present work uses the definition by Schafer (1997) to describe the film's lo-fi and hi-fi soundscapes.

KEYWORDS: Documentary; Soundscape; Lo-fi; Hi-fi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	11
Figura 2 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	12
Figura 3 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	13
Figura 4 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	14
Figura 5 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	15
Figura 6 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	16
Figura 7 - frame do filme <i>Estou me guardando para quando o carnaval chegar</i>	17

SUMÁRIO

Introdução	7
Escutar o filme e demais conceitos	8
Hi-fi e lo-fi no documentário analisado	11
A paisagem sonora e a narrativa	17
Considerações finais	19
Referencial teórico	21

INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se a partir de uma proposta da aula de Análise Fílmica, realizada a distância, durante a pandemia, no quinto semestre do curso de Cinema e Audiovisual, em 2020. Nela, desenvolvi uma análise do documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019, Marcelo Gomes), na qual o som foi principal objeto de pesquisa. O interesse surgiu a partir de uma jornada no curso, que envolve participação em projetos práticos na captação e pós-produção de som e, também, realização de pesquisas teóricas nesse mesmo campo.

Além disso, ser um filme brasileiro, documental e contemporâneo é importante para escolha do filme, por representar um recorte da produção atual no cenário nacional e trazer um olhar condizente com essa situação, assim como com a produção que realizei e pesquisei durante o curso de Cinema.

Todo filme é capaz de expressar uma versão da realidade em que vivemos, assim como representá-la. Os documentários, apesar de não serem facilmente definidos, “tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta” (NICHOLS, 2005, p. 26).

A partir disso, o som nas obras audiovisuais é uma parte fundamental para a narrativa, que demonstra uma escolha e abordagem sonora capazes de situar o espectador no ritmo e sensações que uma sequência possui. Em alguns filmes, é possível distingui-las apenas por um som emblemático que gera uma associação instantânea com o título. Essa música temática capaz de caracterizar elementos e personagens é chamada de *leitmotiv*, uma técnica introduzida por Richard Wagner e apropriada pelo cinema.

Nesse sentido, a aptidão que o recurso dramático-musical possui para fixar, rememorar e gerar identificação por parte dos espectadores-ouvintes é determinante em seu emprego no cinema hollywoodiano, nas peças publicitárias e telenovelas. (OLIVEIRA, 2015, p. 18)

Um caso recorrente em filmes de terror *slasher*¹, por exemplo, que utilizam da mesma trilha musical ao decorrer da narrativa para alertar a presença do assassino. Como em *Sexta-Feira 13 - Parte 2* (Friday the 13th Part II, 1982, Steve Miner), no qual a presença de Jason não é marcada pelo seu rosto mas, sim, pela música relacionada a ele. Uma vez que o espectador associa o som a essa figura, não é necessário mostrá-la para que seja possível saber que o personagem está naquele espaço. Da mesma maneira, o *leitmotiv* foi inserido no cinema

¹ Subgênero do terror, caracterizado pela presença de elementos específicos. Entre eles, a presença de um assassino mascarado.

por Fritz Lang, no filme *M, O Vampiro de Dusseldorf* (1931), a fim de identificar o assassino pela melodia e definir traços de sua personalidade desde o início do filme (OLIVEIRA, 2015, p. 22-23).

No documentário, o som é comumente representado pelo comentário e voz dos personagens acerca de determinado tema, utilizando a fala como fio condutor na abordagem documental. A captação direta do som² foi uma grande responsável pela possibilidade do comentário no filme documental, o que permite expor o lugar de fala dos atores sociais. Assim,

A possibilidade técnica de capturar a fala na ocasião do seu surgimento marcou profundamente os rumos estéticos e políticos que o documentário tomou a partir da década de 1960. (CESAR; MAIA; SERAFIM, p. 83)

O autor Chion afirma que o cinema é vococêntrico e verbocêntrico, ou seja, durante a captação sonora do filme há uma preocupação com a camada de voz e sua compreensão naquela tomada. Para ele, essa característica do cinema é consequência do comportamento humano que, entre diversos ruídos, foca sua atenção diretamente à voz (CHION, (2011, p. 13).

A fala como um dispositivo documental, utilizada de forma estética e política, coloca a oralidade no documentário como uma maneira de valorizar sua poética e pluralidade sociocultural (CESAR; MAIA; SERAFIM, p. 92).

Ademais, o som também é capaz de comunicar além da fala, através da construção de uma ambientação capaz de retratar o espaço, tempo e contexto no qual o filme acontece, visto que “o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem (...)” (SCHAFER, 1977, p. 23).

Ou seja, a partir do ambiente acústico podem ser extraídas informações específicas acerca daquele espaço e as pessoas que o compõem. Assim como a construção sonora na ficção, que abrange elementos descritivos do ambiente e, também, destaca os importantes para a narrativa. Essa interpretação do som é a abordada pelo presente artigo, que considera os ruídos como parte fundamental de uma construção sonora e os analisa no documentário escolhido.

² Captar o som em sincronia com a imagem durante as gravações de conteúdos audiovisuais.

ESCUTAR O FILME E DEMAIS CONCEITOS

No campo do cinema, Michel Chion defende a utilização do termo “audiovisão” como uma alternativa para assistir ao conteúdo audiovisual considerando sua banda sonora. Segundo ele, ouvir e ver o mesmo produto geram percepções diferentes, que são aditivas e capazes de transformar a percepção uma da outra (CHION, 2011, p. 7).

Assim, a análise realizada neste trabalho parte do princípio de escuta ativa voltada a obra audiovisual, de certa maneira que valoriza o som como essencial para a narrativa do filme. Essa defesa condiz com as experiências práticas realizadas dentro do ambiente acadêmico e, também, com o lugar de espectador no cinema. Portanto, o som, aqui, não é percebido como um adjunto da imagem, mas tão protagonista quanto ela.

No campo sonoro, o conceito “paisagem sonora” é utilizado para descrever sons particulares de um ambiente, que representam sua singularidade e compõem características socioculturais do lugar. Segundo o autor, é “qualquer porção do ambiente sonoro vista como campo de estudos” (SCHAFER, 1977, p. 366), sendo essa real ou fictícia.

Dentro de uma paisagem sonora, podemos caracterizá-la como rural ou industrial, baseado na razão entre sinal e ruído no ambiente. Essas paisagens são chamadas de *hi-fi* e *lo-fi*. De acordo com Schafer, “um sistema *hi-fi* é aquele que possui uma razão sinal/ruído favorável (...) em que os sons separados podem ser claramente ouvidos em razão do baixo nível de ruído ambiental.” (p. 71). Esse sistema é considerado rural, por estar mais presente no campo, um ambiente que conseguimos distinguir com facilidade os sons e diferenciá-los entre figura e fundo, assim como é possível escutar a longa distância, fatores que na cidade há uma dificuldade maior, devido às barreiras e quantidade maior de elementos.

Assim, “em uma paisagem sonora *lo-fi*, os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa” (SCHAFER, 1977, p. 71). Esses sons densos estão presentes na vida urbana constantemente e podem ser veículos, maquinário de obras, fábricas, conversas de pessoas na rua, que marcam a vida cotidiana na cidade.

A partir do período da Revolução Industrial, é introduzida uma série de sons inéditos, que contribuíram para uma alteração significativa na paisagem sonora mundial e uma superpopulação sonora (SCHAFER, 1977, p. 107). Entre as diversas máquinas a carvão e vapor que surgiram com a Revolução Industrial está a máquina de costura.

Dessa forma, o presente trabalho aborda a utilização do som no filme documental brasileiro *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019, Marcelo Gomes), a partir da paisagem sonora que representa a cidade de Toritama e é explorada através da construção sonora do filme.

A partir disso, o documentário foi separado em categorias, a fim de analisar seus elementos e comparar as diferenças encontradas entre *lo-fi* e *hi-fi*, assim como sua importância para a narrativa, através de uma análise fílmica.

Essa, que consiste no ato de analisar, como também no seu produto – o texto, por exemplo. Para tal realização, é necessário desconstruir o filme e depois remontá-lo, a partir das observações e desenvolvimento de quem realiza a análise, sendo influenciada por ele (VANOYE, 2012, p. 14-15).

A fim de analisar o filme e incluir um viés do som, utiliza-se o método das máscaras. Nesse método, o espectador assiste a uma sequência várias vezes, na primeira com áudio e imagem, depois apenas imagem e, após, apenas som, a fim de analisar ambos separadamente e compreender como acontece a interação entre som e imagem quando unidos (CHION, 2011, p. 146). Como resultado, é possível perceber o que é retratado em cada camada (imagética e sonora) em contrapartida com a interpretação que advém da interação entre ambas.

No documentário participativo – como é o caso do filme analisado – o cineasta é uma figura ativa, ele interage e compartilha seu próprio discurso acerca daquele mundo histórico que representa, de forma que age como um ator social, apesar de deter maior poder sobre o documentário porque possui controle da câmera (NICHOLS, 2005, p. 153).

Desse modo, por meio da narração, há uma comparação entre passado – que existe no imaginário do diretor, Marcelo Gomes – e presente, com um viés sonoro, feito a partir da descrição e construção sonora, sem agregar imagens à sua nostalgia. Logo, é possível traçar um paralelo entre as épocas, a fim de compreender suas semelhanças, diferenças e relações.

Estou me guardando para quando o carnaval chegar é um filme de 2019, dirigido e roteirizado por Marcelo Gomes e produzido por João Vieira Jr e Nara Aragão. Um documentário de 86 minutos, no qual

“A cidade de Toritama é um microcosmo do capitalismo implacável: a cada ano, mais de 20 milhões de jeans são produzidos em fábricas de fundo de quintal. Os moradores trabalham sem parar, orgulhosos de serem os donos do seu próprio tempo. Durante o Carnaval – o único momento de lazer do ano -, eles transgridem a lógica da acumulação de bens, vendem seus pertences sem arrependimentos e fogem para as praias em busca de uma felicidade efêmera. Quando chega a Quarta-feira de Cinzas, um novo ciclo de trabalho começa.”³

Situado na cidade de Toritama - PE, conhecida pela sua produção em grande escala de calças jeans, que são fabricadas em pequenas fábricas inseridas nas moradias da população, o

³ Disponível em: <https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar/>. Acesso: 19 nov. 2022.

documentário aborda, através de entrevistas, a relação dos moradores com a cidade que habitam e seu ritmo. As máquinas de costura e o trabalho dominam a cidade, exceto no Carnaval – a única semana na qual Marcelo Gomes encontra, em Toritama, as memórias que possuía de sua infância.

Nascido em Recife, Marcelo Gomes dirigiu filmes como *Cinema, Aspirinas e Urubus* (2005), e *Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo* (2009), o qual co-dirigiu com Karim Aïnouz. O sertão brasileiro é o tema central de suas obras, sob um olhar de memória afetiva desse espaço – assim como em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, filme cujo parte de um motivador afetivo com a cidade de Toritama e o agreste.

HI-FI E LO-FI NO DOCUMENTÁRIO ANALISADO

A categoria *lo-fi*, que pode também ser chamada de paisagem industrial, é identificada pelos sons que não possuem fácil distinção entre os elementos e sua distância, presente principalmente em cidades e indústrias.



Figura 1 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

A introdução dessa paisagem sonora *lo-fi* no filme aparece em uma sequência em 00 ``05 '05 (Figura 1), na qual o som direto e os planos abertos dentro das facções nos apresentam o protagonista do filme: o trabalho.

Uma montagem rítmica acontece, que retrata a costura, corte e manuseio dos jeans realizados pelos trabalhadores. A construção sonora acompanha essas tarefas, com diversas

máquinas de costura e tesouras sendo operadas em pequenas garagens. Entretanto, com a presença de diferentes elementos e distâncias, é difícil distinguir com precisão qual som representa cada máquina de costura ou tarefa realizada.



Figura 2 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

Nessa sequência, a estética adota um tom industrial, lo-fi e povoada, marcada pelos jeans (na imagem), carros, motos e máquinas de costura (no som). Essa apresentação mostra ao espectador a cidade de Toritama e o insere no mundo criado pela narrativa, que coloca a localidade no ponto central.

Na narração, o diretor expressa sua impressão em relação ao ambiente em sua fala, “na minha memória, Toritama era uma cidade que tinha outra velocidade” (00 ``07 '41 - figura 2). Nesse momento, ele compara com o início do filme, quando descreve possuir a memória do local como rural, de plantações e feiras.

Essa mudança se refere às pessoas nas ruas desde cedo mas, também, a presença do ruído maquinário. Assim, uma paisagem sonora industrial sobrepõe a memória de um agreste rural de Marcelo Gomes. Mais uma vez, marcada por um imaginário que gira em torno do som, visto que são os ruídos incessantes que expressam a velocidade acelerada da cidade, através de máquinas de costura, carros e elementos *lo-fi*.



Figura 3 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

Em 00 ``10 '21 (figura 3), há outra sequência com foco no maquinário presente nas facções. Essa, composta por planos fechados que delimitam a imagem apenas à ação realizada. Nesse momento, visualmente há uma representação clara e concisa da tarefa que é realizada, seja a costura, corte das calças, enchimento ou a criação de rasgos no tecido. Na parte sonora, existe uma sobreposição de diferentes elementos, uma sonoridade densa que traz ruídos difíceis de identificar sua origem. Na sequência destacada, a imagem possui foco claro na ação realizada, enquanto o som constrói uma atmosfera poluída, industrial.

A categoria *hi-fi*, ou paisagem rural, consiste em uma construção sonora cujos sons são claramente compreendidos e discernidos entre si, além de representar um ambiente rural, com sons voltados ao campo.



Figura 4 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

O filme inicia com uma apresentação narrada pelo diretor, na qual cita algumas cidades do Agreste que visitou durante a infância junto com seu pai, que trabalhava na região. Essa cena ocorre com uma tela preta, sem imagens. Nela, é possível perceber ruídos de pássaros e o vento assobiando, elementos discernidos de forma clara ao fundo, enquanto a voz representa o primeiro plano.

A composição condiz com o comentário de Marcelo Gomes que, nesse momento, associa o espaço mencionado com uma paisagem rural, em 00 ``02 '14 (figura 4): “Era um mundo rural, de feiras livres, plantadores de milho e feijão e criadores de bode. Quase nenhum barulho de carro e poucas pessoas na rua. Esse é o agreste que eu guardo na minha memória de infância”. Assim, a construção sonora do trecho unida a esse comentário mostra um imaginário *hi-fi* desse personagem a partir do som, cujo associa a memória da cidade a um espaço rural, composto por poucos elementos sonoros.



Figura 5 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

A paisagem *hi-fi* retorna em 00 ``11 '19 (figura 5), no horário de almoço das facções, no momento em que as máquinas de costura são desligadas em consenso. Nessa sequência, Marcelo Gomes percebe que “silêncio em Toritama somente na hora do almoço. Desse silêncio eu lembrava muito bem, e durava o dia inteiro”.

Nessa cena, nota-se a presença dos pássaros novamente, em paralelo com o início do filme. Existe a sincronia entre imagem e som, o que resulta no espectador ouvir os movimentos que o personagem realiza em seu almoço – como o movimento do talher na marmitta e a ação de beber do copo plástico. O que é possível pela ausência das máquinas de costura e demais sons densos, visto que esses seriam capazes de cobrir elementos sonoros mais sutis.



Figura 6 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

Existe um momento em que o diretor desloca-se para uma fazenda afastada das facções de jeans a fim de procurar os sons que reconhecia de seu passado. Ele deixa esse desejo claro em sua narração e, neste momento, encontra a fazenda de seu João, em 00 ``31 '14 (figura 6), onde Marcelo Gomes diz que decide escapar do “ritmo acelerado” da cidade e vagar pela área rural para “encontrar paisagens, como as que vi na minha infância”.

Nesse espaço, a construção sonora *hi-fi* é definida por pássaros e insetos que podem ser distinguidos com clareza do fundo. Assim como representam a fauna e flora específica daquele local, visto que são regiões com mínima interação humana, o que faz essa paisagem sonora condizer com o imaginário do diretor, de décadas atrás.



Figura 7 - frame do filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*

Como indicado no título do filme, o Carnaval é um momento crucial para a narrativa. Após um ano de trabalho intenso nas facções, esse feriado representa as férias para as pequenas fábricas, que cessam por uma semana no ano, assim como seu ruído.

A paisagem sonora *hi-fi* retorna à cidade, como o diretor percebe em sua narração e cita a ausência dos carros e máquinas de costura (figura 7): “é quando a produção de jeans é suspensão, que me encontro com a Toritama que conheci há 40 anos atrás”. A cidade que ele procura é representada por uma cidade rural, e ele a encontra através da paisagem sonora *hi-fi* que brilha quando não há interferência das facções ou automóveis.

A PAISAGEM SONORA E A NARRATIVA

Além do conceito de paisagem sonora e, também, para defini-la, Schafer apresenta outras concepções relacionadas ao som. “Som fundamental” é uma delas, definido pelos sons existentes na região geográfica, como florestas, cachoeiras, os pássaros que voam pelo local. Como Schafer mesmo descreve, *keynote* (a palavra usada no idioma original) é um termo musical, a nota que identifica a escala ou tonalidade de uma composição, um som que compõem aquele espaço mas que nem sempre é conscientemente ouvido (SCHAFFER, 1997, p. 26). São os sons que identificam a cidade de um jeito que não será encontrado em nenhum outro lugar, porque referem-se a algo único daquela natureza e espaço antes de sofrer interferência do ser humano.

“Marca sonora” é outro termo de Schafer, esse para se referir a sons únicos de uma comunidade ou que possuem um significado para as pessoas que vivem nessa comunidade, constantemente notado por elas (SCHAFFER, 1997, p. 26). Na atmosfera do filme, esse papel é cumprido pelas máquinas de costura, que fazem um ruído constante, rítmico. Esse som marca a importância das fábricas de jeans, a presença do trabalho na cidade e a duração de suas jornadas, desde que a primeira máquina de costura começa a funcionar até que a última termina. É a diferença que Marcelo Gomes sente ao entrar na cidade, a atmosfera *lo-fi*, coberta pelos sons de uma paisagem de cidade, industrial. Assim como o que ele sente falta em Toritama, os sons que ele busca nas áreas rurais, aqueles que foram mascarados por uma paisagem sonora industrial.

Em uma entrevista com Alessandra Alves para o portal “Cinema em Cena”, o diretor compara a cidade com a Inglaterra durante a Primeira Revolução Industrial:

Quando cheguei a Toritama para filmar, em um primeiro momento eu pensei que aquilo era a Inglaterra da Primeira Revolução Industrial. Parecia que eu tinha voltado 150 anos no tempo (...). Pessoas trabalhando até dezoito horas por dia e felizes porque são patrões de si mesmo (...). (GOMES; ALVES, 2019)

No campo sonoro, essa semelhança é capaz de ser igualmente notada. A partir da introdução das máquinas a vapor, houve o início de uma mudança na paisagem sonora mundial como um todo, comparável à alteração que ocorreu no documentário com as máquinas de costura.

Anteriormente à Revolução Industrial, o ritmo de trabalho condizia com o corpo humano e seus movimentos (da respiração à mobilidade de mãos) e as vozes marcavam a sonoridade urbana (SCHAFFER, 1997, p. 99-100). Assim, a presença das máquinas após a revolução altera a paisagem sonora urbana, de uma forma proposital, para que o crescimento da indústria anuncie sua presença, afinal

A indústria precisa crescer: portanto, seus sons precisam crescer com ela. (...) De fato, o ruído é tão importante como meio de chamar a atenção que, se tivesse sido possível desenvolver a maquinaria silenciosa, o sucesso da industrialização poderia não ter sido tão completo. (SCHAFFER, 1997, p. 115).

O som representa, através do apagamento dos sons fundamentais, a transformação da cidade e da mentalidade de seus moradores. Os anos 1980 são os que estão na memória do diretor, a paisagem sonora representada pela atmosfera *hi-fi* da cidade. Nessa década, havia

dois cinemas, duas bandas de música e uma biblioteca na cidade, havia formas de lazer e uma economia baseada na agricultura (GOMES; ALVES, 2019).

Em 2019, nada disso existe mais, exceto uma única sala de cinema que passou 7 anos sendo construída, por um homem que gostava de filmes. Existem jornadas de 18h de trabalho, entretanto, que trazem felicidade às pessoas pela possibilidade de serem seu próprio chefe, de terem “autonomia”, essa, que na verdade não existe; uma contradição que foi parte do que motivou o diretor a realizar esse filme (GOMES; ALVES, 2019).

Como descrevem Cris R. e Júlio C., em sua crítica do filme,

Corpos suados e sujos, como se estivessem numa fábrica de Manchester nas primeiras décadas do século XIX. Movimentos repetitivos e ritmados, como se os homens fossem engrenagens. Máquinas que não param. (R. Cris; C. Júlio, 2019),

para se referir aos sons repetitivos das máquinas de costura presentes no filme. Essas marcas sonoras *lo-fi* somem durante o carnaval, quando todos vendem seus pertences e vão para o litoral. Nesse período, a cidade de Toritama volta a soar como era nos anos 80, no único momento do ano em que as indústrias de jeans param de funcionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019, Marcelo Gomes) e sua construção sonora, como um filme documental, com base em um aporte teórico composto por autores da área do cinema, análise fílmica, documentário e som.

Dessa forma, a partir da análise, é possível constatar a importância da paisagem sonora para a construção do documentário observado, capaz de captar elementos essenciais para a narrativa e representar um imaginário retratado pelo diretor por meio da narração. Da mesma maneira que insere fragmentos de suas lembranças na banda sonora, como um jeito de simular, para o espectador, uma realidade que é desafiada pelo presente e gera uma busca pela conexão com um espaço que sofreu diversas alterações.

Assim, o som no documentário revela a localidade retratada de uma maneira singular, a partir de uma percepção do espaço para os elementos ouvidos nele. Essas mudanças na sonoridade ao decorrer da narrativa demonstram um processo de industrialização da cidade e do trabalho, percebido por elementos *lo-fi* e *hi-fi*, que se alteram com base no expediente e período de férias dos trabalhadores.

Portanto, o carnaval e a espera dele atuam como um ciclo, não só para os personagens, como também, no som. Afinal, ele demonstra uma alteração periódica que resgata uma paisagem sonora do pretérito para um presente transformado.

REFERENCIAL TEÓRICO

CHION, Michel. A audiovisão: som e imagem no cinema. 2011.

ESTOU Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar. Direção: Marcelo Gomes. Produtores: João Vieira Jr., Nara Aragão. Carnaval Filmes; Rec Produtores Associados; Misti Filmes, 2019. Disponível em:

<https://itunes.apple.com/br/movie/estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar/id1471061940>. Acesso em: 17 nov. 2022.

FRIDAY the 13th Part 2. Direção: Steve Miner. Roteiro: Ron Kurz; Victor Miller. Baseado nos personagens criados por: Sean S. Cunningham. 1981.

GOMES, Marcelo; ALVES, Alessandra. Estou me guardando para quando o Carnaval chegar: trabalho e tempo. Site Cinema em Cena. 2019. Disponível em:

<https://cinemaemcena.com.br/coluna/ler/2449/estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar-trabalho-e-tempo>. Acesso em: 04 nov. 2022.

MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (Org). Ouvir o documentário: vozes, músicas, ruídos. 2015.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papirus Editora, 2005.

OLIVEIRA, Rodrigo Batista de. Encenação de Leitmotiv: o procedimento dramático-musical para a constituição de uma cena teatral e não dramática. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-19092016-165414/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

R., Cris; C., Júlio. Estou me guardando para quando o carnaval chegar: faz parte dessa solidão. Site Passa Palavra, Dez. 2019. Disponível em:

<https://passapalavra.info/2019/12/129172/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

SCHAFER, Raymond Murray. A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Unesp, 1997.

VANOYE, Francis. Ensaio sobre a análise fílmica. Papirus, 2012.